info@marcador.pt
www.marcador.pt
facebook.com/marcadoreditora

© 2015,
Direitos reservados para Marcador Editora
uma empresa Editorial Presença
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

Título: *Provo-te [quantas vezes posso morrer de amor?]*
Autora: Catarina Beato
Ilustrações e Receitas: Ana Gabriela Pereira
Revisão: Hermínia Saraiva
Capa, paginação e tratamento de imagem: Eduardo Quinhones Hall
Fotografias: Pau Storch
Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda

ISBN: 978-989-754-172-8
Depósito legal: 389 995/15

1.ª edição: abril de 2015

Escrever sobre amor é a minha mais coerente contradição: serei eternamente solteira porque acredito profundamente em histórias de amor. O amor é sempre feliz. Não é sempre fácil, é desconcertante, dá trabalho mas, se não for feliz, não é amor. Acreditarei nisso, sempre.

Tenho muito medo de deixar de acreditar na minha história de amor. Não o escondo. Mas sei que, mesmo com as minhas feridas e cicatrizes, nunca deixarei de acreditar no para sempre. Assim como acredito que o amor é sempre feliz.

Passei muitos meses sem escrever. Passei muitos meses a escrever apenas o que tinha de ser escrito em cada dia. Há um enorme vazio na vida de quem acha que escreve e não consegue escrever. Não sou escritora mas é na escrita que encontro o meu sentido.

No dia de Natal, num caminho paralelo ao rio, que podia ser Lisboa, Tavira, Porto ou Istambul, mas era Londres, conversava com a Gabriela sobre este vazio. Talvez a minha geografia sentimental precise sempre de um rio. Expliquei-lhe que precisava de escrever. Conversámos sobre o mundo, sobre o amor, sobre gargalhadas, sobre crescer e ser adulto, sobre as dores da vida. Conversámos sobre os sabores que nos marcam, os nossos alimentos preferidos, sobre os restaurantes que queríamos visitar e os mercados onde nos faltava ir.

Pedi à Gabriela que cozinhasse para mim. Prometi que voltaria a escrever. As promessas da Gabriela foram sobre amor. E combinámos que juntaríamos amor e sabores num único livro.

A vida é, afinal, uma taça onde cabe tudo isso. Assim como as taças onde a Gabriela gosta de fazer todas as refeições numa torre minuciosamente construída, com camadas que se intercalam e se complementam. Ver a Gabriela cozinhar é um exercício de prazer e calma.

Enquanto este livro ia nascendo descobri que a Gabriela desenhava. Raio da mulher, é só talentos! Numa noite normal de insónias, naquelas em que acordo dezenas de vezes, em que a cabeça tenta arrumar o que anda perdido, pedi-lhe que ilustrasse o nosso livro. Lembrei-me, com um sorriso, da manhã em que atravessámos o meu parque preferido e ouvi a história dos pincéis e tintas nas mãos da Gabriela. Tinha de ser, fazia todo o sentido. Eram as suas histórias de amor. Juntavam-se à minha história de amor: os caracteres, assim juntinhos, em forma de palavras e frases.

Este livro é uma taça. Onde arrumamos amores, dores, sorrisos e lágrimas. Neste livro cabem amores, sabores e cores. E, como tem de ser, é um livro feliz.

Nota: todas as histórias deste livro são histórias felizes. Se não conseguirem perceber onde está a felicidade da história, leiam-na outra vez. Às vezes a felicidade de uma história está em perceber que não era amor. E, como as estrelas cadentes que cairão sempre em noites escuras, podemos sempre pedir desejos, podemos sempre acreditar no amor.

LONDRES
Janeiro

SCONES DE AVEIA
com Spicy Chai Latte

INGREDIENTES
Scones de Aveia

*250 g de farinha de aveia**

2 colheres de sopa de stevia

100 ml de leite

1 colher de chá de fermento em pó

1 ovo

** pode transformar os normais flocos de aveia em farinha com a varinha mágica*

PREPARAÇÃO
Scones de Aveia

Amasse bem todos os ingredientes até que a massa fique ligeiramente texturada.

Com a ajuda de um rolo da massa estenda-a sobre uma folha de papel vegetal e certifique-se que obtém uma altura de 2 cm.

Corte a massa às rodelas com a ajuda de um copo.

Pré-aqueça o seu forno a 180º.

Pincele-as com a gema de ovo batida e coloque-as num tabuleiro forrado de papel vegetal e, ligeiramente, untado com óleo de coco e um pouco de farinha de aveia.

Leve ao forno durante 15 minutos.

SCONES DE AVEIA
com Spicy Chai Latte

INGREDIENTES
Spicy Chai Latte

1 chávena de chá preto com aroma a bergamota
150 ml de água
1 chávena de leite de amêndoa (ou outro da sua preferência)
1 colher de chá de raiz de alcaçuz
1 estrela de anis
1 pau de canela
Canela em pó
½ colher de chá de essência de baunilha
Mel q.b.

PREPARAÇÃO
Spicy Chai Latte

Num fervedor junte o chá, a água, o leite de amêndoa e todas as especiarias.

Aqueça tudo em lume brando para tirar maior partido de todos os aromas, mexendo sempre.

Por fim, deixe ferver vigorosamente para obter uma leve espuma.

Coe e sirva polvilhado de canela em pó.

Sirva os scones acompanhados com o Spicy Chai Latte.

LONDRES
Janeiro

Morria de amor cada vez que ele abanava a cabeça depois de sorrir quando olhava para mim. Queria conseguir descrever este gesto com tanta exatidão que nada na vida me deixasse esquecê-lo. Dizem que morrer de amor é a melhor sensação do mundo. Eu detesto morrer de amor. Anos e anos de psicanálise permitem-me saber que não aguento nada que não posso controlar. Morrer de amor é alguma coisa entre um ataque de pânico e um orgasmo.

Morria de amor cada vez que ele abanava a cabeça depois de sorrir quando olhava para mim. Eram os únicos instantes em que acreditava que ele morria de amor comigo. Que ele morria de amor também. Eram os únicos instantes em que perdia o medo.

Morria de amor cada vez que ele me olhava e pedia:

– *Tira os óculos.*

Bastaria tirar os óculos e estaria nua. Os óculos são a minha barreira de proteção, o meu recurso quando não sei o que fazer com as mãos. Sem óculos sinto-me exposta. Sinto-me nua. Dói-me esta timidez. Esta irónica timidez. Sou a mesma pessoa que, de óculos postos, subo ao palco todos os dias. Sou a mesma pessoa que, de óculos postos, sorrio ao mundo. Sou a mesma pessoa que, sem óculos, nua, não sou capaz de o olhar nos olhos. Sou a mesma pessoa que, quando olha para mim, baixo a cabeça.

Detesto morrer de amor. Detesto sentir o coração descompassado. Detesto querê-lo. Mas detesto ainda mais que me conheça,

que me saiba tímida, que saiba que detesto intimidade. Detesto que saiba tudo de mim sem me conhecer.

– *Tira os óculos.*

A nossa história de amor começou no dia em que nos conhecemos. Cruzámo-nos nos corredores do teatro. Ele sorriu-me e, passado poucos segundos, tinha um pedido de amizade no Facebook. Aceitei com a mesma rapidez com que o recebi. Trocámos mensagens durante toda a tarde. E voltámos juntos para minha casa nessa mesma noite. Fizemos amor, fodemos, dormimos e voltámos a fazer amor, a foder e a dormir. Não tínhamos pressa. Era domingo.

Entrei em pânico quando acordei às três da tarde. Procurei os óculos antes de procurar uma peça de roupa. Precisava de ir à casa de banho. Como é que ia à casa de banho com aquele homem a dormir na minha cama?

Anos e anos de psicanálise permitem-me perceber que esta incapacidade de ir à casa de banho é uma forma de deixar as relações num patamar irrealista de perfeição mas, pior, é uma forma (estranha, diria) de deixar as pessoas longe da minha intimidade. Talvez a maior confissão de amor que posso fazer seja: "Gosto dele a sério, tanto que me sinto capaz de fazer cocó com ele em casa."

Levantei-me, entrei na casa de banho, fechei a porta e fiquei sentada na sanita a olhar para o infinito. Estava em pânico. Ouvi-o do outro lado da porta.

– *Catarina, podes fazer xixi à vontade que eu vou continuar a gostar de ti.*

Saí furiosa. Detestava que me conhecesse, que me soubesse tímida, que soubesse que detesto intimidade. Detestava que soubesse tudo de mim sem me conhecer.

– Anda para a cama. E tira os óculos.

Passámos o domingo na cama numa sequência perfeita de prazer, sono e conversa. *Tira os óculos* transformar-se-ia na nossa senha secreta. Depois dessa noite, na cidade para onde os dois tínhamos fugido, na cidade em que nos tínhamos cruzado, em casa dos nossos amigos, nas exposições, nos corredores do teatro, na nossa sala, no nosso quarto. Quando me desejava com urgência pedia-me:

– Tira os óculos.

Gostávamos de passear pela cidade nos dias gelados. Eu gostava de sentir o nariz a gelar. Esperava por mim ao final do dia. Aquecia as mão no seu corpo. Arrefecia o calor da sua pele. Nos dias que quase pareciam noites.

Gostávamos de caminhar ao longo do rio. Falávamos de tudo e de nada.

– E se as histórias de amor forem mesmo simples. As pessoas olham-se e apaixonam-se. Assim, sem merdas, nem jogos, apenas: Quero-te. Eu também. E se as histórias de amor se sentirem mesmo na forma como as pessoas se olham. E se as histórias de amor acontecerem mesmo como nos filmes de domingo à tarde em que o mundo para. E o coração bate mais rápido. E se a urgência não for o corpo mas o dia de amanhã. O próximo domingo. Mesmo que calhe a uma terça-feira.

Queria saber tudo sobre os meus dias. Queria saber tudo sobre os seus dias. Queríamos saber cada minuto do tempo infinito em que éramos obrigados a estar separados. Pedia-lhe para ver a cidade como se não a conhecesse. Toda a cidade. Fazia beicinho e puxava-lhe a camisola como uma menina mimada. Detestava que fosse mimada. Falámos nisso na noite em que nos conhecemos, reivindicou a sua igualdade de direitos no mimo. Definimos a quota: 65% para mim,

35% para ele. Comprávamos sempre uma batata com queijo em Convent Garden e sentávamo-nos a ouvir uma cantora lírica que fazia da rua o mais grandioso de todos os palcos. Comprávamos as minhas bolachas preferidas, cheias de pepitas de chocolate, ainda a escaldar. Deixava-o a trabalhar e deitava-me cedo. Adormecia, quase sempre, de imediato. Depois sentia-o chegar. Sentia a sua mão fria a procurar-me entre os lençóis. Beijava-me. Cheirava a fumo. Sabia a vinho. Despia-me ainda adormecida. Sentia-o dentro de mim. O prazer acordava-me o corpo e aconchegava-me a alma. Adormecia sempre no seu peito. Nua. Bastaria tirar os óculos e estaria nua. De manhã, sentada na cama, enquanto me vestia, observava-o. Sonhava. Queria que nevasse todas as noites.

O nosso Inverno foi o nosso domingo. Foi fácil como cada domingo que vivemos juntos. Foi fácil como as horas infinitas em que conversávamos. Foi fácil como o prazer que tínhamos sempre que me pedia para tirar os óculos. Foi tudo fácil como as histórias de amor dos filmes. Com a Primavera não chegou apenas o sol tímido de Londres, chegaram os ciúmes. Na minha cabeça, cada vez que pegava no telemóvel estava a fazer exactamente o que tinha feito comigo, na forma rápida e eficiente, que adjectivo feio, com que me tinha conquistado. Imaginava-o com outras mulheres em cada minuto em que não estávamos juntos. E fui tornando cada minuto em que estávamos juntos num inferno. Ele aturava-me as birras e os beicinhos. Nuns dias com paciência. Noutros com respostas tortas. Às vezes dizia apenas:

– *Cala-te e tira os óculos.*

A Primavera em Londres transformou-se numa dura segunda-feira. Sentir-me a morrer de amor era cada vez mais insuportável. Sentia-me permanentemente em pânico e acordava sem conseguir respirar. Deixei de dormir. Procurava provas das traições que

imaginava obsessivamente. Queria tanto deixar de gostar dele. Era tão mais fácil ser uma mulher interessante sem a fragilidade que me matava. Queria deixar os óculos postos 24 horas para que não visse que tinha estado a chorar. De qualquer forma, mesmo que não visse, adivinhava. Detestava que me conhecesse, que me soubesse tímida, que soubesse que detesto intimidade. Detestava que soubesse tudo de mim.

O seu mau feitio foi aquecendo, como o tempo. Cada vez chovia menos e cada vez tinha menos paciência para as minhas birras e amuos.

– *Catarina, não estou a aguentar.*

Felizmente não era domingo quando me disse isto. Convém preservar as memórias. Espero que nunca tenhamos discutido a um domingo. Acho que não, mas não me lembro. A sua frase foi, naquele momento, a confirmação de todos os meus medos. Já não me queria. Tentei ser sensata. A sensatez é meio caminho (ou talvez mais do que isso) para estarmos serenos. E eu precisava que a serenidade substituísse o pânico em que tinha vivido os últimos meses. As pessoas sensatas respiram fundo e dormem à noite. As pessoas serenas, e acho mesmo que a sensatez conduz à serenidade, sofrem menos. E era aí que eu queria chegar. As pessoas serenas e sensatas sofrem menos mas também não vivem sensações avassaladoras. Nem as boas, nem as más. Ainda bem. Não queria mais sentir-me atropelada por aquele amor avassalador.

– *Catarina?*

– *Eu sei. Tens toda a razão. Não vamos discutir. Amanhã saio de casa.*

– *Mas...*

– *Eu não queria isto assim. Não queria mesmo. Mas não estou a conseguir gerir o meu pânico.*

– Mas eu estou aqui.

– Mas eu não.

Saí ainda nesse dia da minha casa. Só tomei consciência que estava a sair da minha própria casa quando ele me mandou uma mensagem:

– Não sei como faço para ficar nesta casa. Como fazemos?

– Eu resolvo.

– Deixa-me ir ter contigo. Eu dou-te colo. Peço-te para tirares os óculos.

Este foi aquele momento em que eu poderia ter usado a famosa frase: não és tu, sou eu. Mas não seria uma desculpa, era mesmo a verdade.

Em quase todas as histórias de amor que se escrevem nos livros os apaixonados deixam-se quando ainda se amam – porque serás mais feliz sem mim, porque não vi que eras tudo o que precisava na minha vida, porque precisava dessa distância para perceber o que sinto. Nas minhas teorias e certezas absolutas, essa história das pessoas que se deixam apesar do imenso amor que sentem é uma grande treta. Nas minhas teorias e certezas absolutas, no amor, no amor a sério, os apaixonados nunca acreditam que a vida da pessoa que amam será melhor sem eles. Porque amor é cuidar e fazer feliz. Sempre disse, sempre repeti, que se pensar que a pessoa amada estará melhor sem mim, é porque não amo essa pessoa. Das minhas teorias e certezas absolutas mantinha uma: estar apaixonado a sério não dá jeito nenhum, troca-nos as voltas, tira-nos a capacidade para as pequenas coisas do dia-a-dia, consome e dá tonturas. Nunca acreditei que fosse preciso "tempo" e "distância" para se perceber o que se sente. Com a devida excepção do tempo e da distância que às vezes precisamos

para nos arrumarmos connosco mesmo. Era isso que eu precisava, de arrumar, não sabia bem o quê, nem onde. O problema era mesmo eu, não era ele.

O amor não se faz de sofrimento, essa certeza eu também mantinha. E foi com essa certeza que procurei uma nova casa no outro lado da cidade, numa rua onde nunca tínhamos passeado de mão dada. Foi com essa certeza que continuei a minha vida, de forma sensata e calma. Alguns encontros, sem intimidade, sem deixar que nenhum homem dormisse na minha cama. Foi assim que se passaram os dias, os meses, os anos depois da nossa separação.

Passaram muitos anos, sei quantos anos se passaram porque fiz as contas quando, naquele domingo de Novembro, recebi uma mensagem. Muito gostava aquele gajo do Facebook. Nunca tivemos o número de telefone um do outro, falávamos sempre naquele *chat*.

– Tenho tantas saudades tuas. Como estás?

Respondi de imediato, por impulso, exactamente como quando me pediu para ser sua amiga, tantos anos antes, depois daquele encontro no corredor.

– Estou bem. Tu?

– Tenho saudades tuas. Quero ver-te.

Olhei para o meu namorado. Estava sentado ao meu lado. Tínhamos visto um filme e íamos lanchar a casa de uns amigos antes de, cada um, regressar a sua casa. Estávamos juntos há alguns meses, uma relação serena, sem grande intimidade. Uma relação sensata.

– Pode ser esta tarde?

– Pode ser a qualquer hora. Sabes a morada e sabes que podes tocar a qualquer hora.

Regressava à cama onde dormi. Onde passara tantas horas acordada. Reconheci os lençóis brancos de algodão já gastos. Fechei os olhos e desejei com muita força que nenhuma outra mulher se tivesse deitado neles. Pensei perguntar-lhe e pedir-lhe que mentisse mas saberia a verdade assim que o olhasse nos olhos. O cheiro dele continuava a dar-me tonturas como na noite em dormimos juntos pela primeira vez. Fechei novamente os olhos e desejei que o meu corpo estivesse exactamente da mesma forma, que não se visse uma única marca de todos os anos que nos tinham separado.

Ele percebeu o silêncio e empurrou-me para a cama.

– Tira os óculos.

Segredou-me as saudades que sentia. Tocámo-nos. Muito devagar, quase com medo. Sabia exactamente a que sabia a pele em cada pedaço do seu corpo. Sabia o instante em que era urgente. Bastava a forma como ele abanava a cabeça depois de sorrir quando olhava para mim. Sabia o que significava cada ruga em torno dos olhos. As palavras estavam em cada ruga de expressão que definia a intensidade do sorriso. Sabia que ele me queria despida. Completamente despida. Na verdade sabia tudo, exactamente tudo, sobre aquele homem. E continuava a detestá-lo por saber tudo sobre mim. Por me tocar na cara da forma perfeita como eu desejava ser tocada. Por me afastar o cabelo da cara com o cuidado exacto. Por me continuar a fazer morrer de amor.

Eu detesto morrer de amor. Mas se morrermos juntos, não me importo.